

Arraial do Cabo: ancoradouro abriga de navios salineiros a plataformas petrolíferas

No cais do porto, tem trabalhador até de outros continentes

Dois grupos de alunos do Curso de Comunicação Comunitária visitaram o cais de Arraial no dia 11 de outubro.

A visita fazia parte de um exercício de redação.

Após observar o local, os grupos registraram o que viram. Confira!

Logo que chegou à Marina dos Pescadores de Arraial do Cabo, o grupo encontrou Luciano Menezes. O seu barco passeio tem capacidade para 24 pessoas. Devido ao fraco movimento nessa época do ano, ele estava saindo com apenas seis pessoas. Seu barco tem seu sobrenome: Sezenem, Menezes ao contrário.

Além de barcos de passeios, existem no cais homens que compram peixes para limpar e revender. Luiz Carlos é um deles. Cabista, no momento mora em Cabo Frio. Seu apelido é Iníthio (por parecer e ter uma avó indígena). Ele trabalha em Arraial do Cabo com o Gilson ou Burunga, que, no momento da nossa visita, também limpava peixes do lado oposto da mesa. Burunga veio da África do Sul sozinho e em Arraial fez uma família.

– Aqui é bom demais, eu não saio daqui, diz Gilson.

Os dois limpavam peixes conhecidos como olho de Cão, toncador e outros. Um comprador de Cabo Frio esperava os peixes serem limpos.

Pesquisadores de universidades federais no cais

Gabriela Azevedo também estava no cais. Ela conta que frequenta Arraial por causa da pesquisa que realiza em seu mestrado em biologia marinha, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Ela mergulha na praia do Forno, no porto de Fortaleza. Sua pesquisa é sobre o peixe sa-bonete verde (peixe sa-bão). Está há um ano nessa busca pela comparação entre os estudos referentes à espécie no Brasil e no Caribe. Trabalha observando o comportamento alimentar, a conservação e as fases etárias do peixe.

É com Valmir de Carvalho ou Píuma, que Gabriela sai à procura da espécie. Píuma conduz o barco Poupee, que não é dele. Além de conduzir o Poupee, ele também mora nele, lá tem cama, fogão, pia.



Foto: Gustavo Nascimento

O pescador Píuma e a pesquisadora Vanessa

Gente vinda de vários lugares que mora até em barco

Valmir é natural de Píuma, Espírito Santo, por isso o sobrenome. Ele mora em Arraial há dez anos e tem várias histórias emocionantes de suas aventuras. Já levou uma família de barco para passar o carnaval na Bahia. Conheceu muitos lugares viajando de barco a trabalho e sozinho, às vezes durante dias.

O grupo que visitou o cais na parte da tarde encontrou entre os turistas que vinham de seus passeios, o professor Carlos Ernesto, da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Ele estava com um grupo de 25 alunos pós-graduandos, aos quais havia ministrado o estudo de pedogeomorfologia, revelando as belezas geológicas predominantes nas ilhas.

Restaurante flutuante e Portal do Atalaia

Adriana também era uma das turis-

tas no final da tarde no cais.

Moradora de Campo Grande, Rio de Janeiro, ela ficou deslumbrada com o restaurante flutuante e o Morro do Atalaia, que proporciona uma visão fascinante da região. A turista ressaltou a preocupação com a suposta chegada da Petrobras, que afetaria a beleza do lugar.

Ao sair, verificamos a construção de um cercado de peixe, onde os pescadores poderão comercializar o pescado. Mas também constatamos a presença de lixo em lugares inapropriados do cais.

O cais fica dentro do centro histórico de Arraial do Cabo e tem três *piers*: um para embarcações turísticas e os outros dois para embarcações pesqueiras.

Um lugar simples, mas cheio de histórias. Várias etnias reunidas vivendo em um mar rico em belezas e diversidades de peixes.

Para uns, é arte, é prazer; para outros, é estudo; e, para muitos, é trabalho, sobrevivência.

Mas, acima de tudo, amor pela natureza que os cerca.

E a Petrobras, vem?

Desde que a Companhia Nacional de Alcatris faluiu, surgiram comentários em Arraial do Cabo de que a Petrobras viria para a cidade, ocupando o terreno da antiga empresa. Será que os boatos são verdadeiros?

O presidente do Porto do Forno, Átlia Szabos Angermann, diz que não é bem assim. Ele fala que a Petrobras já está em Arraial do Cabo por meio de uma empresa terceirizada que presta serviços à estatal e que não passará disso. O motivo seria o fato de a Petrobras já ter esgotado todas as expansões em Macaé.

Segundo Átlia, o Porto do Forno já está recebendo trabalhos dos quais Macaé não está dando conta, devido ao excesso. Ele considerava que o Porto já está trabalhando para a empresa, mas sem usar o nome da Petrobras.

O que diz a Petrobras

De acordo com Assessoria de Imprensa da Petrobras, existe a possibilidade de de uma plataforma ser construída no alto mar de Arraial do Cabo. Entretanto, ainda não há nada de concreto. No momento, há apenas estudos sobre esta possibilidade.

Os pescadores se dividem quanto a uma futura presença da empresa na cidade. Para alguns, a instalação de uma empresa desse porte traria mais oportunidades e não afetaria a pesca.

“A plataforma ficaria longe da principal área de pesca (...). Arraial do Cabo tem tanta gente desempregada e isso dará muito mais oportunidade para a nossa população”, diz um pescador.

Para outros, além desses pontos positivos há também os negativos. “Por mais que se criem empregos, a área de exclusão de pesca atrapalharia o nosso trabalho”, sustenta.

O CABISTA

Novembro de 2008

Ano I Nº 01

Um jornal dinâmico feito por jovens de Arraial do Cabo



Arraial do Cabo conta sua história e mostra a sua arte

Rendas, estátuas, bonecas, artesanatos, entalhos e miniaturas são atrativos para turistas brasileiros e estrangeiros e fonte de renda local

RENDAS: DODOCA, CORPOS: MARCELO RAMOS; PORCELANA: ANETE GOUVEA; MOSAICO: MÔNICA MARINHO; PAPEL MACHE: MARLENE BRASILEIRA



NESTA EDIÇÃO:

- Entrevista com Reinaldo Filho P. 3
- Arraial é habitada há 7 mil anos P. 4
- Rendeiras são patrimônio do Cabo P. 5
- Como prevenir a gravidez na adolescência P. 6

EDITORIAL

O Cabistão: um jornal jovem

“ – Ah, eu poderia falar com o Ruand? – Oi, é o Ruand.”

-Tudo bem, Ruand? Aqui é do Projeto Resurgência. Estamos te ligando para falar sobre um curso de comunicação comunitária que vamos iniciar na próxima semana aqui em Arraial.

-Ah, sim. Tudo bem. Mas como é isso?

-A ideia é possibilitar aos alunos conhecimentos teóricos e práticos em jornal impresso, rádio e vídeo para que potencializem a comunicação em Arraial. Uma comunicação que seja feita pelos próprios moradores da cidade. Que fale sobre a realidade daqui, sobre a Reserva Extrativista Marinha, as manifestações culturais, a vida da cidade e tudo o que quiserem divulgar. O curso é gratuito. O que acha?

-Ah, tá. Legal.

-Estamos convidando os jovens interessados para uma reunião amanhã, às 19h, no Centro Cultural Manoel Camargo para explicarmos melhor o curso. Você pode ir?

-Posso sim, estarei lá.

-Ótimo, então nos vemos lá.

Foi mais ou menos assim que começou a divulgação do curso de comunicação comunitária do *Projeto Resurgência*, no mês de agosto.

Na noite marcada, cerca de 30 jovens atenderam ao chamado e participaram da reunião. Na semana seguinte, outro encontro, com outros 30 jovens. E assim a turma foi formada.

Esse jornal que apresentamos à população de Arraial do Cabo é um dos resultados dos três primeiros meses de aulas. Os assuntos, os textos, as fotos são produções dos alunos. Inclui-se o nome, *O Cabistão*, foi aprovado por eles em uma calorosa votação, na qual outros cinco nomes concorreram.

O curso de Comunicação Comunitária nasceu para isso. Para gerar mobilização, debate, e sobretudo, divulgação do pensamento e da realidade da cidade de Arraial do Cabo. Nasceu também para ser um espaço de troca de ideias sobre o meio ambiente da cidade, e sobre como podemos gerenciá-lo com qualidade nossa. Reserva Extrativista Marinha. A edição nº 1 de *O Cabistão* é a primeira expressão do esforço de cerca de 60 alunos do curso para pensar e divulgar as diversas realidades de Arraial do Cabo.

Nosso muito obrigada

Aproveitamos esse editorial para agradecermos a todos que colaboraram com o curso até o momento. E para agradecermos também ao Colégio Municipal Francisco Porto, que carinhosamente abriu as portas para que as aulas do Curso de Comunicação Comunitária sejam realizadas lá.

O *Projeto Resurgência* conta com recursos do Programa Petrobrás Ambiental. Até a próxima edição!

Foto: MARIO CAMARGO



Uma turma com objetivo

Durante o exercício de redação do curso de comunicação comunitária, vários textos foram produzidos. Abaixo seguem dois relatos baseados no cotidiano dos jovens.



Marcus (camisa branca) sendo entrevistado por Tiago

MARCUS OLIVEIRA, tem 17 anos. Seu padrinho e seu pai são atuantes na vida política da cidade.

Seu padrinho foi candidato em Arraial do Cabo e seu pai em Cabo Frio, no ano de 2008. Ambos queriam seu voto, mas para não tomar um partido, preferiu não votar.

Indo à Cabo Frio acompanhar sua avó que iria votar, pediu para irem a um condomínio de amigos. Lá ela conseguiu um voto para seu padrinho, que não se elegeu por um voto.

Agora, se Marcus votasse em Arraial, sua avó não iria ao local, assim, não conseguiria um voto extra. Seu padrinho perderia de qualquer jeito.

YURI GAIDINO, tem 18 anos. Ele não perdeu a oportunidade de nos contar a sua história.

Um atropelamento sofrido aos 8 anos de idade, em Arraial do Cabo, por sorte, não mudou sua vida.

Ao se perder dos pais em um churrasco, Yuri resolveu ir para casa com um amigo e de bicicleta. Na estrada principal foi atropelado por um carro vermelho, sofreu pequenas escoriações sem consequências graves.

Este relato mostra a necessidade de atenção dos pais nos momentos de descontração.

Histórias como a do Yuri devem ser prevenidas, pois podem ter um fim trágico e, até mesmo, reinar vidas de forma precoce.

Educação: da universidade às bibliotecas

Convênios trazem cursos para Arraial

Convênios e parcerias dão suporte a projetos sociais

Por Alessandra Tozatto

Convênios e parcerias geralmente são firmados entre órgãos públicos ou entre estes e órgãos privados com objetivo de realizar uma ação de comum interesse. Essas parcerias beneficiam o município conveniado oferecendo cursos, especializações, palestras, entretenimento, conhecimento, lazer, e até mesmo oportunidades de emprego para a população.

Diversas instituições, universidades e empresas brasileiras como Petróbras, SENAI, SEST, CEFET, UFRJ e outras, apostam nessa ação como forma de ajudar a proteger o meio ambiente, formar cidadãos consci-

entes e aptos a atenderem o mercado de trabalho.

Programa de Leitura traz bibliotecas volantes

Na Região dos Lagos há diversos projetos realizados por meio de convênios e parcerias.

Um exemplo é o Programa de Leitura da Petrobrás, que incentiva os alunos das escolas públicas municipais ao hábito da leitura através da biblioteca volante – que leva os livros adaptado – que leva os livros até eles. Isso ocorre em Arraial do Cabo, Cabo Frio, São Pedro d’Aldeia, Araruama e Búzios.

Outro bom exemplo é a vinda especialidade da casa ser frutos do mar, o cardápio apresenta comidas caseiras, bolinhos de aljim e peíscos. A bebida vai ao gosto do cliente, cervejas, sucos, caipirinhas, entre outras bebidas geladas.

Aproveite nossas dicas e confira o menu do Cabo

Por Lorena Bries

O bairro Prainha, um dos mais antigos de Arraial do Cabo, é um “prato cheio” para quem deseja curtir um dia de praia. O local oferece ótimas opções quando se trata de gastronomia. O único problema que ateta um melhor rendimento dos quiosques é a falta de infra-estrutura básica como: iluminação e segurança, que ajudariam a promover eventos noturnos na orla da praia.

A beira mar há quiosques como o da “Tina e Gil”, onde é possível se alimentar com qualidade e pouco custo. Apesar da

especialidade da casa ser frutos do mar, o cardápio apresenta comidas caseiras, bolinhos de aljim e peíscos. A bebida vai ao gosto do cliente, cervejas, sucos, caipirinhas, entre outras bebidas geladas.

Para aqueles que procuram um ambiente diferente dos que geralmente se encontram nas cidades praianas, vale a pena visitar os dois restaurantes orientais – *Hissão* e *Yoshiaki*.

Alguns dos alimentos são importados do Japão: o arroz, as algas eo salmão, por exemplo. Alguns cozinhos têm descendência chinesa e japonesa. Os pratos mais pedidos

Praia dos Anjos

• Quitutes Frutos do mar, frango e carne R\$ 21,00 o kilo	• Nosso Bar Carnes, Peíscos, Frutos do mar Preços variados
• Água na boca Frutos do mar e Churrasco R\$ 29,00 o kilo	• Penso Bom Apetite Comida caseira e quentinha Prato feito: R\$ 4,99
• Ki – Bum Bum PF – R\$ 5,00 Peíscos – de R\$ 7,50 a R\$ 22,00 Caldos – R\$ 5,50	• Casa da vovó (Pizzaria) Preços variados
• Casa dos Anjos Comida caseira em torno de R\$ 8,00	• Prazeres da terra Pratos caseiros - de R\$ 8,00 a R\$ 15,00 Pratos infantis - R\$ 4,00
	• Viagem dos sabores Principalmente frutos do mar Preços variados

são sushi, sorvete frito. Os donos sugerem macarrão com legumes para quem vai experimentar a culinária oriental.

Na tabela de preços estão: panhaque: R\$ 30,00; rolinho primavera (5 unidades): R\$ 8,00; sushis: R\$ 4,50. O saquê é a bebida que acompanha quase todos os pratos.

Mais adiante na mesma rua, encontramos diversos bares que chamam muita atenção por estarem sempre lotados. Um deles é o bar da “Tia Iva”,

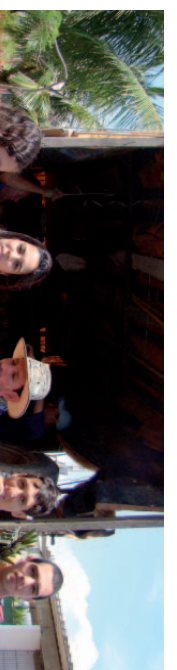


Foto: CLAUDIA SANT'ANNA

Pausa para descanso dos repórteres de O Cabistão

considerado o ponto de encontro dos moradores, do pessoal da “pedala” no fim da tarde.

Lanchonete Só Delícia salgados (variedades) e refrigerante De R\$ 1,00 a R\$ 1,20 (salgados) De R\$ 0,60 a R\$ 2,00 (bebidas)	Bar e Restaurante do Idenir Refeição: R\$ 18,00 Quentinha: R\$ 7,00
Gia dos Caldos Refeição: Prato feito R\$ 7,00 Anchova: R\$ 50,00 para 4 pessoas	Bacalhau do Tudo Comida portuguesa A La Carte Valores: variados
Restaurante Meu Xodó Refeição: A La Carte Massas e saladas: R\$10,00 Frutos do Mar: R\$ variado	Bolinho de bacalhau: R\$ 2,50 Lombo de porco imperial: R\$ 45,00

O Cabistão - Jornal do Curso de Comunicação do Projeto Resurgência

End.: Praça da Independência, 25 - Centro - Arraial do Cabo - RJ // Tel. (21) 2622-1341

Produção: Núcleo Pratinha de Comunicação

Jornalista responsável: Claudia Santiago • **Diagramação:** José Carlos Bezerra

- **Assistentes:** Raquel Junia / Shella Jacob
- **Realização:** Sage / Coppe / UFRJ • Novembro de 2008

Equipe:

Adriano F. Silva / Alessandra Tozatto / Leonardo Rham R. da Silva / Leilane Neome R. Alessandra Kobischek / Alexandre C. Viana / de Souza / Levi Ribeiro de Brito/ Lígia Borreto F. Alaine Kristine S. de França / Ana Karen C. Silva / Anolke Karoline S. de César / Andreia Moito de F. Melo / Anita Raimundo de Melo / Ayron P. Freixo / Camila da Silva Mouninho / Claudio Henrique de F. Melo / Clebio Julio Rodrigues / Daniela V. dos Santos / David Oliveira / Deborah dos S. Carvalho / Dorá B. Boreires / Fobiano Felix (Feliz) / Gabriel Neves / Gabriel Novoes / Gisela Mendonça / Gisely R. Meiralles / Graçiana C. de Andrade / Guilherme Pedro Velho / Gustavo Nascimento / Gustavo Filardi / Hiram Jethro B. Moyano / Isabela N. Abel / Izabelle C. da Gama / Israel Viana de M. Miranda / Jéssica Queiroz / Jéssica de Jesus / Jéssica Miranda / João Henrique Oliveira / Jonatas S. Ribeiro / Joel Santiago / Juliana Aguiar de Andrade / Keyla Moyleine G. Vieira /

Patrocinio:

PROGRAMA PETROBRAS AMBIENTAL



PETROBRAS

Saúde: falta de educação sexual e influência da mídia

Como prevenir gravidez na adolescência

Situação cada dia mais frequente exige informação e diálogo entre os jovens, os pais e a escola para que o número de casos reduza

Por Natália Brito, Sheila Francisco e Vinícius Pereira

A gravidez precoce é cada vez mais comum. Dados do IBGE mostram que o número de casos de adolescentes que engravidam aumentou consideravelmente nos últimos anos. Estima-se que o número gira em torno de 700 mil os casos de gravidez na adolescência, entre 12 e 19 anos, a cada ano no Brasil. Muitas dessas jovens acabam passando por problemas emocionais e sociais, devido às dificuldades que surgem e ao preconceito.

Alguns fatores explicam o aumento desse número. O principal deles é a pouca informação sobre o uso correto de métodos contraceptivos e a falta de dinheiro para conseguí-los.

Especialistas dizem ainda que um bom diálogo entre adolescentes e seus pais é fundamental para diminuir a probabilidade de uma gravidez precoce, e também reduzir o índice de doenças sexualmente transmissíveis.

O papel da escola

Além do ambiente familiar, a escola tem papel importante na conscientização de jovens, pois oferece informações sobre prevenção e o tempo certo em que o corpo está pronto para gerar um filho.

Para Suelly Osório, da Secretaria de Saúde de Arraial do Cabo, o tema da gravidez precoce envolve questões sérias, como a baixa auto-estima, as famílias desestruturadas, a falta de perspectivas, pouco interesse e comprometimento da escola em relação ao universo dos adolescentes, e a falta de políticas públicas e formação da

rede social para prevenção. Além disso, “não adianta só dar informação. Os adolescentes precisam dialogar com outras pessoas”, afirma.

Dados da Unesco e do Ministério da Saúde mostram que a gravidez precoce e as dificuldades que se seguem respondem pela terceira causa de óbitos entre as mulheres jovens do Brasil. Perde apenas para homicídios e acidentes de transporte. A Unesco também identificou que a gravidez é responsável pelo abandono dos estudos de 25% de meninas entre 15 e 17 anos, o que a torna principal causa de evasão escolar.

Para obter informações sobre os programas relacionados à gravidez precoce em Arraial do Cabo, ligue para o Programas de Saúde da Família (22) 2622-1650.

Nossa cidade

Em Arraial do Cabo, a quantidade de jovens que engravidam precocemente também é preocupante. Relatos como o de A.L., de 15 anos, ilustram as dificuldades por que passam essas jovens. “Eu morava numa república e estava fazendo faculdade. Tive que voltar para a minha cidade, pois o pai da minha filha não quer assumir. Para completar, minha mãe não quer mais falar comigo”.

É importante que a adolescente comece o pré-natal assim que diagnosticar a gravidez. Também receber apoio da família e auxílio de um profissional da área de psicologia. De acordo com Suelly Osório, as seis unidades de Programa de Saúde da Família e Policlínicas do município de Arraial do Cabo estão sensibilizadas e prontas para acolherem as adolescentes grávidas. Para prevenir a gravidez precoce, a Secretaria de Saúde de Arraial do Cabo oferece às jovens métodos contraceptivos gratuitos. Suelly lembra que o uso da camisinha é sempre o mais indicado.



Foto: Anouvo Pessolal

Maternidade precoce, problema real

A saúde dos nossos hospitais

Afinal, por que os hospitais da rede pública são considerados vilões numa saúde debilitada e tão complexa?

Por Joel Santiago

A saúde dos hospitais públicos ainda mal. O município de Arraial do Cabo não fugiu a esta regra. A cidade convive há muito tempo com um doente agonizante, em estado de coma induzido chamado HGAC.

O Hospital Geral de Arraial do Cabo permanece na fila à espera de um bom médico que não lhe impute a extrema unção e, sim, examine o seu estado com sensibilidade e administre um tratamento correto que o restabeleça.

Este mesmo profissional precisa possuir as devidas qualidades técnicas e administrativas para mudar o quadro deste paciente tão nobre e tão querido e que já fez tanto por este município.

Agora ele anda desanimado e desacreditado, mas continua buscando forças para sobreviver.

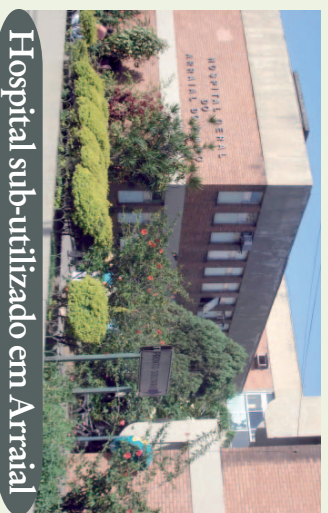


Foto: Gabriel Novais

Hospital sub-utilizado em Arraial

Entrevista: Reinaldo Fialho é um estudioso da nossa cidade

Jovens precisam ser incentivados a conhecer a cultura local

Apesar do rico histórico de manifestações culturais populares, a cidade ainda não as preserva como deveria. Além disso, faltam incentivos para a cultura das novas gerações.

Por Alessandra Koblischek, Camila Mouninho, Débora Carvalho, Lívia Cavalcanti, Cleblio Rodrigues e Sabrina Ferreira

Reinaldo Fialho preserva um acervo histórico em sua própria casa.

Muitos dizem que ele tem um museu, mas Reinaldo diz que não chega a tanto.

Nesta entrevista, ele fala sobre as manifestações culturais tradicionais em Arraial do Cabo.

Uma destas era a Folha de Reis. “Eles dançavam em frente às casas citando versinhos como: senhor dono desta casa, faça sua gentileza, abra logo sua porta...”, recorda.

Para Reinaldo, o povo de Arraial, hoje, não é mais interessado em cultura como era antes.

O Cabistão: Os jovens são interessados por cultura atualmente aqui em Arraial do Cabo?

Reinaldo - Eu acho que não. O povo de Arraial do Cabo no passado era diferente do povo de hoje. A cultura do passado

acabou, acabou a brincadeira de roda, de peão. Não se vê mais os bibliotéquês, os contadores de história. O maior contador de história que tinha era o Leonel Vieira de Aguiar. Ele lia aqueles romances e era chamado pelas casas para ele contar as histórias. Organizava também as festas, como as pastorinhas, que era um grupo de homens e mulheres que cantavam. Era uma homenagem ao nascimento de Jesus Cristo. Era sempre um casal que dizia um verso e o outro respondia.

Tinha um versinho de um padreiro e uma costureira assim: “Minha barba tem jilho, eu não sei quem vem catar. Nem quero arranjar uma cabrocha para ser meu par.” E a moça respondia: “ sai daí ó velho, velho impertinente. Vem fazer vergonha no meio da gente.” Eram esses versinhos, uma brincadeira boa.

Aqui tinha também um programa de ca-louros. Tinha sempre um divertimento, o futebol era muito concorrido. Tudo isso acabou. A cultura aqui em Arraial do Cabo agora. Aquele jogo ali de cartas que tem na praça, o passeio de barco, pescaria.

As procissões que tinham aqui das imagens de Santo não se vêem mais. Dificilmente. Todo santo, no dia dele, saía em

procissão. Era sempre acompanhado de Nossa Senhora.

O Cabistão: As pessoas te procuram para saber da cultura do local ou só quando precisam para um trabalho?

Reinaldo - Só quando precisa fazer algum trabalho.

O Cabistão: Dizem que você tem um museu...

Reinaldo - Para um museu não está organizado. Eles dizem que é museu, mas eu não. Porque eu trabalhei no Rio de Janeiro, conheço muitos museus. Estive muitas vezes no Teatro Municipal, então eu sei o que é. Mas estou com 78 anos de idade, não dá mais pra eu ficar limpando. Mas eu tenho um acervo muito grande. O Príncipe Dom João de Bragança, bisneto da Princesa Isabel esteve aqui na minha casa. Veio conhecer o meu museu. Eu disse: “Excelência, minha casa não é digna de receber uma personalidade como o Senhor. Minha casa é simples”. Ai ele disse: “Não, mas eu quero conhecer o seu museu. Eu sou simples também”. Levei-o até



Foto CLAUDIA SANTIAGO

lá, ele adorou e disse que vai fazer um livro sobre a exploração de petróleo.

O Cabistão: A renda também era uma cultura aqui em Arraial?

Reinaldo - Consta que a melhor renda daqui era minha avó. Ela ensinou as filhas todas. Elas faziam renda e vendiam para Cabo Frio. Não dava pra vender aqui. O meu filho Ronaldo andou incentivando muitas mulheres a fazer renda.

O Cabistão: Hoje ainda existem pessoas que fazem a renda?

Reinaldo - Hoje tem a Doodca e outra meinha. Não sei se tem mais alguma.

Muitas Histórias

■ **Reinaldo Fialho** conta que o *Vóga*, primeiro jornal editado nessa região foi feito por funcionários da Empresa Alcatis.

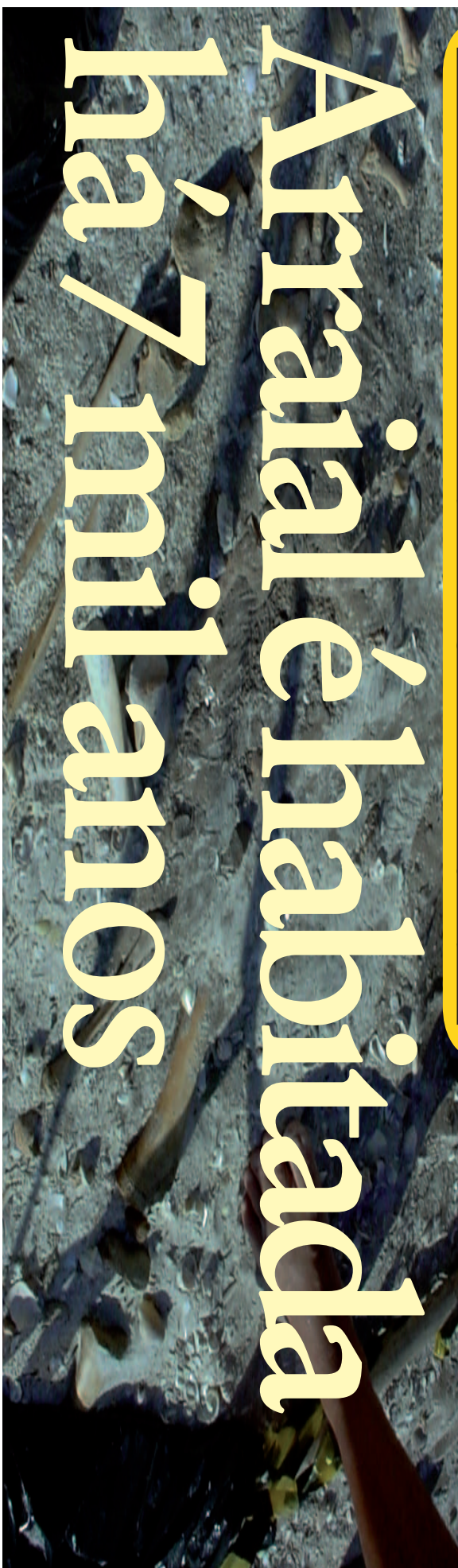
■ **Outra cultura** característica de Arraial do Cabo é a restinga. Dela se tirava quase tudo: madeira pra fazer o casebre, palha para cobrir a casinha, barro para cobrir a casa, ranso para fazer traverseiro, cupim pra fazer colchão. Tinha muitos frutos, muitas plantas ornamentais, tinha plantas pra fazer chá contra doenças. Tinha muita caça, caça pequena, o matu, o tamandú, o cachorro do mar. Tinha muitas aves, a marreca irerê, o jassanam.



Foto CLAUDIA SANTIAGO

“Todo Santo, no dia dele, saía em procissão. Era sempre acompanhado de Nossa Senhora”

História milenar: nas areias das nossas praias, vestígios de uma civilização esquecida



Arraial é habitada há 7 mil anos

Cidade tenta preservar sambaquis onde foi encontrado, entre outros vestígios arqueológicos, o esqueleto de uma criança de sete anos

Por **Fabiano Felix Rocha, Hiram Moyono, Jessica Miranda, Pamela Santos e Toyron Carlos**

Em 1503 aportou a primeira expedição da Coroa Portuguesa ao Brasil, na Praia do Cabo da Rama, atualmente conhecida como Praia dos Arraios, em Arraial do Cabo. Lá foi construída a primeira feitoria do país com o objetivo de povoar e proteger essa área do litoral.

Engana-se, porém, quem acredita que essas foram as primeiras pessoas a pisarem em solo cabista. A região já fora habitada por índios Tupiniquins e por Tupis, que tinham suas aldeias nos altos dos morros e só desceram em busca de alimentos. Estimase que essa população possa ter chegado a 50 mil habitantes.

Entretanto, ainda é errôneo afirmar que esses foram os primeiros povos a ocupar nossa região. Há cerca de 7 mil anos, sedentários aqui viviam em comunidades que, segundo vestígios encontrados em escavações, já dominavam o fogo e dividiam as tarefas por gênero. Ou seja, já tinham um início de sociedade. Os homens caçavam (geralmente pássaros, répteis, entre outros) e pescavam; as mulheres coletavam os frutos da restinga.

Usos e costumes

Essa mesma sociedade tinha o costume de depositar em um mesmo lugar os restos de comida, artefatos de cerâmica – quebrados ou inteiros –, entes que usavam pelo corpo, e tudo mais. Nesses amontoados, eram enterrados também os habitantes falecidos. Em um ritual próprio, enteravam as pessoas em posições particulares. Tem-se o registro de um esqueleto adulto encontrado na posição de nascimento.

Nesses rituais, os corpos, antes de serem enterrados, eram enfeitados com colares feitos com conchas e dentes de animalise e objetos de cerâmica. Mesmo em milhares de anos, eles se mantêm conservados o suficiente para serem estudados e hoje são conhecidos como Sambaquis.

Nesses rituais, os corpos, antes de serem enterrados, eram enfeitados com colares feitos com conchas e dentes de animalise e objetos de cerâmica. Mesmo em milhares de anos, eles se mantêm conservados o suficiente para serem estudados e hoje são conhecidos como Sambaquis.

Conheça nossos sambaquis

Os sambaquis são depósitos orgânicos constituídos basicamente por conchas (algumas gigantes, se comparadas às atuais), mariscos, adornos feitos de dentes de animais e carvão de fogueiras – o que sugere que já usavam o fogo para se proteger do frio e cozinhar seus alimentos – além de esqueletos de diversos animais.

Os sambaquis eram feitos pelos sambaquieiros – povos sedentários que se estabeleciam na Região dos Lagos há aproximadamente 7 mil anos e se extinguiram há 2 mil anos.

Não se sabe ao certo o motivo que levou ao fim da existência dos sambaquieiros. Eles podem ter sido mortos ou expulsos por indígenas Tupis e Jês vindos do norte.

Alguns arqueólogos supõem que os sambaquis tinham caráter religioso. O Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM), em par-



FOTOS: ARQUIVO/IEAPM

Ossos milenares em sambaquis

Lá estava estabelecida uma das maiores comunidades sambaquieiras do litoral, com cerca de 300 pessoas.

O Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM), em par-

Resistência cultural: trabalho e arte são riquezas dos povos

Rendeiras são patrimônio do Cabo

Dodoca é uma rendeira antiga de Arraial do Cabo. Tem 75 anos de idade e 60 de renda.

Por **Alessandra Koblischek, Débora Carvalho e Sabriny Ferreira**

Dodoca recebeu os alunos do Curso de Comunicação em sua casa. Ela conta que havia pessoas em Arraial do Cabo que faziam rendas, porém, quem as compravam era de fora. A renda era vendida no município de Cabo Frio.

“Não tinha quem comprasse, em Arraial”, diz Dodoca. A rendeira afirma que hoje não trabalha mais com renda por questões de saúde, mas conta que ainda vai pegar trabalhos antigos para terminar, pois ela diz que se distrai. Hoje, Dodoca está fazendo muito croché.

Durante a entrevista ela mostra as produções de sua época mais atíva. “Segura hein. Vai deixar cair? Fica bonthinho”, diz, muito cuidadosa com seus trabalhos. Para Dodoca, desde que começou a trabalhar, nada mudou na renda em si. Mas confessa que inovou os pontos. “Era tudo estreitinho assim e eu emendei a argola. Fui aumentando para trás”.

Dodoca aprendeu a render com uma senhora chamada Otólia, já falecida. A professora era uma simples conhecida que fez sua paixão por essa arte ser despertada. Ela comenta que nunca fez renda com a intenção de vender, mas sempre pelo fato de gostar. “Nunca fiz não, minha filha. Mas, naquela época, havia pessoas que faziam aqui no Cabo pra viver, pra comer”, comenta.

A rendeira já ensinou muitas pessoas na região, porém, afirma que seu corpo não permite mais dar aulas de renda. Mas lembra que há uma escola de renda na Colônia dos Pescadores.

Dodoca conta que, antigamente, as mulheres eram proibidas de ensinar porque os portugueses, ainda na época do Américo Vespúcio, se aproximavam para paquerá-las, com a desculpa de aprender a fazer renda.

Os oito filhos da rendeira também não ficaram de fora, até hoje seguem a carreira da mãe. “São oito meninos. São oito pulos. Por oito mil gados borritos que eu dou”, cantarola. Mesmo formados em outras profissões eles se identificam com a arte da renda.

“A idade vai chegando e eu também vou me embalando devagar.”

Conselho de Dodoca

Dodoca termina a entrevista com conselhos de vida, afinal, além de rendeira ela é uma senhora muito vivida e preocupada com essa nova geração. “A idade vai chegando e eu também vou me embalando devagar. Fui caindo minha filha”. Carta.

“Hoje vocês têm um mundo maravilhoso. Tenha cuidado minha filha. Goste da sua mãe, goste do seu pai. Procure arranjir umas pessoas que elas gostem também”, Dodoca se despede com uma das gargalhadas mais suaves e cativantes da história.



FOTO: CLAUDIA SANTIAGO

Dodoca é mulher rendeira. Tem 75 anos de idade e 60 de renda. Uma senhora de bom humor e de bem com a vida. Um patrimônio cultural da cidade.

Arraial é cidade arteira

Da tradicional renda a miniaturas de faróis e trabalhos com prata, o artesanato de Arraial do Cabo conquista mais turistas estrangeiros do que brasileiros

Por **Andrielle Motta Claudio Henrique Motta, Israel Vianna e Yuri Brondão**

Eunice de Lima trabalha há oito anos com artesanato em Arraial do Cabo. Ela diz que o povo de Arraial mostra-se desmotivado quando o assunto é cultura, por isso montou a sua loja. É assim que ela pretende manter viva a cultura cabista.

Ao lado da loja de Eunice, na Praia dos Anjos, há outra loja de artesanato. O trabalho das duas lojas é coordenado por ela e outros dois artesãos: Leonardo Murehi e Juarez Sardo. Eles trabalham com prata,

mosaicos, casas em miniaturas, res-tauração de móveis antigos, pátina, pintura artística de paredes e artesanatos em geral.

Eunice conta que o artesanato local é, na maioria das vezes, vendido a estrangeiros que vêm visitar a cidade, já que os produtos mais procurados pelos brasileiros são as artes vindas de fora, como bruxinhas, fadas e etc.

Na loja dela há apenas artesanatos produzidos na região. De cada produto vendido na loja, a Artesarte, Eunice fica com 20% do valor. “As vezes nem cobro para incentivar os artistas”, conta. As obras mais vendidas são os abajures em formato de farol feitos de madeira, os imãs de geladeira e os chaveiros. Ela destaca as bonecas feitas de papel machê, os panos de prato, as porcelanas e os faróis. “Dezembro e janeiro são os melhores meses para a venda, turista do carnaval quase não compra”, diz. Em 2008 as vendas foram muito fracas.

Se você se interessa por arte vale a pena visitar a Artesarte do cabo localizada no centro histórico - Praia dos Anjos, na rua Santa Cruz n° 7 loja 1.

FOTO: CLAUDIA SANTIAGO



Obra produzida pelo senhor Lafayette

Fontes: *O Globo Ciência* (28/04/2002, 29/04/2002, 16/12/2006, 24/04/2008), www.arraialdocabo-rj.com.br/, www.confacaqueuamaraj.org